

22 NOV 1993 JORNAL DO BRASIL

Brasília, capital da corrupção?

JASON TÉRCIO (*)

Os recentes megaescândalos financeiros, a partir do caso PC, estão criando no imaginário popular mais um estereótipo nacional: Brasília é uma cidade corrupta, a cloaca do país. Essa onda de denúncias começou, de fato, em 1980, quando estourou o escândalo dos empréstimos irregulares do antigo FNDE à Tecelagem Luftalla, ligada ao então governador paulista Paulo Maluf.

Sempre houve uma ponte entre Brasília e o resto do país nos casos de corrupção, porque, obviamente, as decisões políticas e administrativas são tomadas na capital federal. A operacionalização é feita no DF, mas a trama e a trama são gestadas por grupos empresariais e políticos das mais diversas regiões, inclusive do remoto interior, como neste caso do roubo do Orçamento da União.

Quando a capital era no Rio, lá se agitava o *mar de lama*, expressão de Carlos Lacerda em 1951 para as irregularidades do Banco do Brasil nos financiamentos concedidos ao jornal governis-

ta *Última Hora*. Policiais recebiam propinas de rufões para não reprimir a prostituição. A Câmara de Vereadores era chamada *Gaiola de Ouro* e já existiam trens da alegria. O chefe da segurança do presidente da República recebia comissões para intermediar empréstimos oficiais por baixo do pano e facilitar negócios de empresas, quando não tentava matar Lacerda por causa das denúncias. Nem só de *bossa nova* viveu o Rio dos anos 50.

Já em 1959 foi criada uma CPI para investigar a aplicação de verbas do Orçamento da União como subvenções a entidades inexistentes. Mais de 100 CPIs foram criadas desde 1947 para investigar denúncias de corrupção no Brasil. Todos os anos, desde então, houve CPIs com esse objetivo, exceto entre 1969 e 1979, quando a ditadura emudeceu a imprensa e a oposição, embora as falcatruas continuassem existindo nos bastidores do regime militar, sem que houvesse apuração.

De lá para cá, o país tornou-se mais complexo, mais contraditório,

com mais problemas e mais corrupção. Brasília condensa esses problemas, catalisa as paixões políticas. Se antes de 1960 era no Rio que os udenistas disparavam denúncias contra os governos de Getúlio, Juscelino e Jango, hoje é no Planalto Central que se centraliza essa tensão.

Não se trata de defender Brasília, marcada desde sua fundação como um lugar de aventureiros, burocratas privilegiados e políticos sem vínculo orgânico com a cidade. Trata-se de ver a corrupção como um fenômeno nacional impregnado nas instituições e no cotidiano da sociedade.

O Rio atual é conhecido menos por sua beleza do que pela violência, e isso é outro estereótipo, porque a violência, assim como a corrupção, também está impregnada na vida de todo o país. São os dois principais e mais nefastos subprodutos de uma estratégia de desenvolvimento elitista e que está na raiz desses males.

(*) Jornalista e escritor, carioca, está em Brasília há quatro anos